

O Itinerário Espiritual de S. Francisco de Assis⁽¹⁾

S. Francisco de Assis, homem de paz e apóstolo ardente da pacificação evangélica, legou aos seus seguidores esta grata exortação: «O Senhor me revelou que fizéssemos esta saudação: o SENHOR VOS DÊ A PAZ.

Uma comovida ternura que o animava perante cada homem inspirava-lhe esta saudação: PAZ E BEM, MEU IRMÃO ²! Desde então, a saudação do franciscano que dirigimos a cada homem, no oitavo centenário do seu nascimento, é esta: PAZ E BEM!

A família franciscana celebra em 1982 o Oitavo Centenário do nascimento de S. Francisco, ocorrido provavelmente em 1182, na terra fidalga de Assis. As comemorações iniciaram-se já por todo o mundo; e entre nós, começaram no dia 3 e 4 de Outubro, na Fátima; e prolongar-se-ão por todo o ano com actividades de carácter espiritual, cultural, artístico e científico, sob o lema: «COM FRANCISCO UM MUNDO NOVO»!

Mas, as celebrações de tão importante acontecimento estender-se-ão para além das fronteiras domésticas da família franciscana. Efectivamente, o franciscanismo é um fenómeno na Igreja universal e um património humano e espiritual da humanidade. A multidão de franciscanos espalhados pelo mundo com os franciscanófilos de vários quadrantes ideológicos são uma expressão bem viva desse fenómeno e um testemunho de que o espírito de S. Francisco continua vivo.

As celebrações deste centenário pretendem reavivar ainda mais a memória do santo Patriarca; e repensar a espiritualidade, com a

¹ Tema da conferência proferida na inauguração do ano lectivo — 1981-1982, no I. C. H. T.

² J. R. de Legisima e Lino G. Canedo, *San Francisco de Assis*, B. A. C., Madrid (1965, 4.^a Edição) p. 721. Trata-se de uma edição cuidada dos Escritos de S. Francisco e das reconhecidas Fontes Franciscanas.

qual ele conduziu já tantas gerações de homens, iluminou inúmeras mentes, abraçou muitos corações e inspirou grandes génios. Queremos mostrar ao homem de hoje o espírito do «Cantor do irmão sol», a alma jubilosa do amante da «dona pobreza e do arauto do Grande Rei», e a paixão do Irmão Francisco pela fraternidade humana e evangélica.

Para o realizar, foram programados Congressos, conferências, retiros, diálogos, encontros e muitas outras modalidades de actividade.

Também a Direcção deste Instituto quis associar-se a estas comemorações com uma Conferência sobre S. Francisco de Assis.

A personalidade de S. Francisco é tão rica, a sua mensagem tão ampla e as expressões históricas do franciscanismo tão abundantes que foi difícil escolher o tema para esta conferência. Mas, pensando no espírito que preside às celebrações — «Com Francisco, um mundo novo» — e, ao mesmo tempo, na inauguração do ano lectivo do nosso Instituto, resolvi falar-vos sobre o ITINERÁRIO ESPIRITUAL DE S. FRANCISCO.

Com a minha exposição sobre o seu itinerário espiritual poderemos conhecer melhor o projecto de vida dos franciscanos; e poderá servir também para ambientação espiritual para o ano lectivo que iniciamos.

Em jeito de introdução, vou começar por fazer alguns esclarecimentos sobre os limites e possibilidades de fazer uma RADIOGRAFIA espiritual de S. Francisco.

A estrutura psicológica e o perfil humano da personalidade do Santo têm sido objecto de muitas análises existenciais e psicoanalíticas. Algumas foram feitas com seriedade; outras, porém, ideológicas e tendenciosas; algumas têm muito de ridículo; e outras muito edificante e de triunfalismo. Contribuíram, porém, para auscultar a sua ascensão espiritual³.

Há igualmente muitas investigações científicas sobre o ambiente histórico e cultural onde S. Francisco nasceu, se educou, cresceu e viveu⁴.

³ Cf., F. de Beer, *La conversion de Saint François selon Thomas de Celano*, Paris, 1963; Esser K., *La conversion du coeur*, Paris, 1958; Sabatier P., *L'enfance et la jeunesse de saint François* em *Studio Medievale* 7 (1935) pp. 24-51; 8 (1936) pp. 72-97, etc.

⁴ Thomás de Celano, *Vidas de S. Francisco em S. Francisco de Assis*, Bac. (Madrid, 1956) pp. 253-456. São biografias escritas logo após a sua morte, feitas por quem recolheu notícias frescas e sabidas por testemunhas oculares. A primeira foi escrita a pedido

Ainda que hajam esclarecido muitos aspectos da sua biografia, o itinerário espiritual de S. Francisco continuará sempre misterioso e as radiografias feitas serão sempre limitadas⁵.

De facto, o fenómeno espiritual de S. Francisco foi um mistério de simpatia surpreendente de um homem evangélico para os seus contemporâneos; e continuará a sê-lo para todos nós. Ele foi obra da graça de Deus que o transformou desde dentro, fazendo dele um tipo exemplar do homem novo criado pelo Espírito de Jesus. A sua personalidade foi enriquecida com tal densidade humana e cristã que se tornou um homem original, identificador dos autênticos valores humanos e evangélicos. No dizer de Agostinho Gemelli, a vida de S. Francisco foi um poema da nova criação, realizado pelo Espírito de Deus em pleno séc. XIII⁶. E no dizer de Leonardo Coimbra, S. Francisco é fruto de um vendaval da graça desencadeado pelo Espírito de Jesus Cristo; e a sua vida, uma original obra de arte, rea-

de Gregório IX para a canonização do Santo (1228); traça um quadro de toda a vida de S. Francisco. A Segunda Biografia (1232-1239) é obra de uma tese, escrita num ambiente já polémico. Desde então até aos nossos dias a Bibliografia sobre S. Francisco tem sido abundante. Para quem pretenda aprofundar o estudo das «Fontes franciscanas» será indispensável o recurso à revista «Archivum Franciscanum Historicum», editada pelo Colégio Internacional de Quaracchi.

Para um melhor enquadramento histórico vejamos a cronologia da sua biografia:

— Nascimento em 1181-1182. Foi prisioneiro em Perúgia em 1202. Viagem a Roma na segunda metade do ano 1205. Renuncia à herança paterna diante o bispo de Assis em 1206. Abraça a vida evangélica da pobreza na missa de S. Matias: 24/2/1208. Em 1208 aparecem os primeiros discípulos. Em 1209 foi a aprovação da Ordem por Inocêncio III. S.ta Clara toma o hábito religioso em 28/3/1211. S. Francisco embarca para a Síria em 1212; faz uma viagem à Espanha em 1213-14. Encarrega a S.ta Clara do governo de S. Damião em 1214. Em 1217 acontece o primeiro Capítulo da Ordem, dividida em onze províncias. Viagem ao Oriente em 1219-20. A Primeira regra e Organização da Terceira Ordem em 1221. Segunda Regra é aprovada por Honório III em 1223. Impressão das Chegas em 1224. Morte em 1226. Canonizado por Gregório IX em 1228.

⁵ M. Von Galli, *Francisco de Assis, o Santo que viveu o futuro*, Loyola, S. Paulo (1973) p. 15. Os esforços para caracterizar S. Francisco com uma só palavra não correspondem ao mistério do santo, embora elas possam indicar uma feição característica como, por exemplo: O «cavaleiro de Deus» (Casutt); o «Trovador» (Joergensen); o mais «descontraído dos Santos (Guardini); a «fidalgia da alma» (Bernhardt); a «obdiência personificada» (Schneider); a «réplica da situação-de-Cristo» (Sabatier); o «modo-de-ser-infantil» que faz dele o mais amável de todos os santos (Schultz); o «equilíbrio personificado» (H. Federer) ou o «poverello» como lhe chamavam os seus contemporâneos.

⁶ Gemelli, A., *O Franciscanismo*, Vozes, Petrópolis, 1944, p. 35.

lizada pelo Grande Artista da criação⁷. Para o seu primeiro biógrafo, S. Francisco foi uma nova primavera para o mundo⁸.

Os seus Escritos são o caminho mais directo que possuímos para perscrutar o seu itinerário interior.⁹ Ainda que tenham sido analisados com os recursos da crítica histórica e literária, sobretudo nos últimos anos, também eles têm os seus limites¹⁰. Nunca poderão oferecer-nos uma imagem exacta das suas experiências interiores; não só por serem fragmentários, mas sobretudo, porque as palavras e os conceitos nunca são uma expressão adequada da biografia interior das pessoas; e a linguagem do Santo está profundamente marcada por conotações históricas e culturais inerentes à mentalidade e sensibilidade da sua época; e neste caso — acrescente-se — só pode ser percebida por quem partilhe, de algum modo, a mesma experiência mística.

A maneira peculiar do assisiata Francisco entender e experimentar a vida, o mistério de Cristo, o mistério de Deus, do homem e do mundo foi-nos transmitida pelos Escritos de sua autoria, pelas biografias das origens, sobretudo as escritas por Celano. Mas as Fontes Franciscanas que nos transmitem a história do Santo e as suas palavras estão já envolvidas em «franciscanologia», o que constitui mais uma dificuldade na elaboração da sua radiografia espiritual¹¹.

⁷ Leonardo Coimbra, *Obras completas*, IX volume, Tavares Martins, Porto (1964). Há nesta obra uma série de conferências sobre S. Francisco, feitas em vários lugares e em diferentes ocasiões.

⁸ Celano, T., na edição da Bac, *op cit.*, p. 254.

⁹ Os Escritos de S. Francisco são o primeiro documento indispensável para conhecer a alma, o pensamento e os ideais do Santo. Alguns perderam-se; e apenas possuímos hoje:

— Opúsculos legislativos. Primeira e Segunda Regra dos Frades Menores, a Regra de S. Clara, Morada religiosa nos ermos, Testamento de S. Francisco.

— Cartas de S. Francisco e Exortações espirituais.

os formados por uma série de orações entre os quais está: o Cântico do irmão Sol.

¹⁰ Os progressos da crítica textual e florescimento esplêndido dos estudos franciscanistas feitos desde fins do sec. XIX podem ser confirmados pela edição monumental das obras de S. Boaventura feita pelo Colégio Internacional de Quaracchi, que grangeou enorme prestígio nos meios científicos de todo mundo; acrescentaram-lhe «Opuscula Sancti Patris Francisci Assisiensis (1904).

¹¹ São consideradas «Fontes do franciscanismo das origens», além dos Escritos de S. Francisco: As duas vidas de T. de Celano, Legenda Maior de S. Boaventura, a Legenda dos três Companheiros, o Espelho da Perfeição e as Florinhas.

Penso que é preciso distinguir na literatura franciscana, o S. Francisco da história do S. Francisco do franciscanismo. O Francisco da história é a sua pessoa com uma vida real e concreta vivida no seu tempo e por ele interpretada. O S. Francisco do franciscanismo são as imagens que dele fizeram os franciscanos e franciscanófilos no decorrer da história com as suas interpretações da vida e obra do Santo. De facto, cada biógrafo recolheu o material da tradição das origens, mas conta a história da personagem, fazendo uma «releitura» dos factos desde o fim glorioso do Santo, fim revelador do sentido que presidiu à configuração histórica da sua vida¹². E cada geração interpretou a vida e as palavras de Santo, fazendo «releituras» desde as diferentes situações históricas, eclesiais e culturais, ora modificando e transformando alguns acontecimentos e silenciando outros, ora criando lendas e mitos franciscanos, segundo as preferências e as tendências de cada época. Portanto, a imagem que temos hoje de S. Francisco é tributária de uma franciscanologia pietista, teológica e cultural.

Na sequência das releituras históricas da personalidade evangélica de S. Francisco, a celebração do presente centenário do seu nascimento pretende regressar ao Francisco da história, sem esteticismos nem oportunismos ideológicos, fazendo uma «releitura» da sua personalidade humana e evangélica desde as aspirações e preocupações do homem de hoje. Não há dúvida de que os valores franciscanos, tantas vezes elogiados por pensadores, por artistas e espiritualistas, contêm em si mesmos um apelo importante para o homem actual¹³.

Vou tentar fazer uma síntese desses valores que transparecem do itinerário espiritual do Santo patriarca. Já S. Boaventura, considerado pelas franciscanistas a «consciência teológica e filosófica de S. Francisco», se inspirou na vida do Fundador para escrever a sua

¹² F. Beer, *La conversion de Saint François, selon Thomas de Celano*, Paris (1963). Para a I Vida escrita por Celano, a história de S. Francisco é pensada como a vida de um pecador; é um santo que não nasce tal, mas faz-se. Para a II Vida, Francisco nasce sob acção da graça, reforçada pela boa educação.

¹³ Von Galli, M., *Francisco, o Santo que viveu o futuro*, Ed. Loyola, S. Paulo (1973). Perfilando a tese de Pedro Lippert traça o perfil do Santo como tipo de perene actualidade, como o Santo que viveu o futuro, e na vivência da sua própria época presenciou situações e problemas posteriores, de maneira que suas ideias e atitudes pessoais assumiam dimensões e proporções «futuroológicas».

obra notável: «Itinerarium mentis in Deum»¹⁴. Tal obra que interpreta implicitamente a vida e as palavras do Seráfico Francisco como itinerário é a melhor exposição do franciscanismo.

I O discernimento da sua própria vocação

A interpretação vocacional da existência histórica de S. Francisco e da sua obra é uma das coordenadas importantes dos seus Escritos, sobretudo no seu Testamento, feito como uma autobiografia vocacional.

É interessante observar neles a dinâmica e a dialéctica no discernimento da sua própria vocação e missão profética, através da densidade humana e da opacidade e ambiguidade dos acontecimentos da sua vida.

O seu discernimento vocacional foi um processo lento e doloroso; cheio de incertezas e de suspeitas sobre a autenticidade das suas inspirações carismáticas. Fez «releituras» sucessivas dos acontecimentos da sua vida à luz de novas inspirações evangélicas e de acontecimentos novos. O episódio do Crucifixo de S. Damião ilustra esta releitura vocacional da sua vida, praticada tantas vezes por ele. Um dia ouviu dentro de si uma voz, vinda do crucifixo que lhe diz: «Francisco vai e repara a minha Igreja!»! Francisco, fiel à voz do Crucificado, põe-se a fazer de 'trollha e de construtor, reparando capelas em ruínas em vez de ir anunciar a mensagem da penitência evangélica; o que veio a fazer ao descobrir o sentido da inspiração anterior, num novo contexto da sua vida¹⁵.

Ele foi um homem que viveu a vida procurando a Deus e a Sua santíssima vontade; interrogando-se continuamente sobre o sentido da sua vida, duvidando, intuindo certezas, mas sempre de coração aberto ao Espírito do Senhor. Só depois de atingir a maturidade humana e evangélica de homem novo teve a consciência clara da sua vocação e missão carismática. Desde então interpretou a sua vida e história como inspiração do Senhor. Di-lo explicitamente e de muitas maneiras no seu Testamento: «Foi assim que o Senhor me concedeu

¹⁴ S. Boaventura escreveu uma biografia de S. Francisco na obra, chamada a «Legenda Maior», quando Geral da Ordem (1260). Expõe-se nela, com particular relevo, a biografia interior do Santo a quem idealiza e sublima; origem da eurtimnia espiritual da sua obra: «Itinerarium mentis in Deum», Opera Omnia, ed. Quaracchi, pp. 504-579.

¹⁵ Celano, T., *I Vida*, na edição da Bac., a. c., p. 264.

a mim, Fr. Francisco... mas o Altíssimo mesmo me revelou»... e muitas outras fórmulas semelhantes a estas¹⁶.

E iluminado pelo processo do discernimento da própria vocação, exortou os seus seguidores, dizendo-lhes que o mais importante na vida é «possuir o Espírito do Senhor e a sua santa operação»¹⁷.

O processo do seu discernimento vocacional começou pela conversão a si mesmo, ultrapassando a personagem que ele projectou num mundo originário de glória trovadoresca como rei da juventude de Assis, quando frequentava como cavaleiro as guerras contra a vizinha Perúgia, onde foi prisioneiro; e as guerras entre o império e o papado na cidade de Spoleto. Aí ouviu no interior de si mesmo uma voz que lhe desaconselha os seus serviços militares: «Francisco, qual vale mais servir ao Rei ou ao servo?»¹⁸.

O jovem Francisco, impetuoso mas leal, começou então a inflectir num sentido que o levou a descobrir novos caminhos no seu excepcional destino.

Os momentos mais decisivos no seu discernimento vocacional foram os seguintes:

1.1 A escuta interior do espírito

De espírito aberto e disponível para as iniciativas do Espírito de Deus, Francisco foi um homem ouvinte da palavra. Para ele, a consciência do homem é o lugar privilegiado onde ecoam os chamamentos de Deus, onde irrompem as inspirações do Espírito; é a última instância para discernir a vontade de Deus. Esta escuta interior do Espírito marcou-o tão profundamente que diz para exortação dos seus seguidores que «o Espírito Santo é o ministro geral da sua Ordem». É tão decisiva a inspiração do Senhor que não há qualquer autoridade absoluta, pois esta estará sempre limitada pela consciência do homem e pelas santas inspirações do Senhor. Esta experiência do Santo Fundador, transmitida aos seus seguidores, gerou nos franciscanos uma sensibilidade espiritual propícia às renovações. Como

¹⁶ Testamento de S. Francisco, na ed. da Bac., a. c., p. 29. O Testamento é um esboço autobiográfico da vida e da alma de S. Francisco, ditado pelo mesmo nos últimos dias da sua vida, fazendo de Secretário Fr. Leão. Talvez fosse Fr. Leão que transformou a voz simples, carinhosa, sossegada do Poverello em gritos de obediência e castigos que aparecem no fim do mesmo!

¹⁷ Regra, cap. 10 a. c., p. 21.

¹⁸ Vida de Tomas de Celano a. c., p. 346.

prova disso temos a multiplicação das Ordens Franciscanas e certa alergia ao arregimento das estruturas e à simetria do sistema; motivo para alguém ter qualificado o franciscanismo de um protestantismo dentro da Igreja ¹⁹. Tal tendência foi traduzida e sistematizada pelos pensadores franciscanos ao nível filosófico-teológico dentro da corrente platônico-agostiniana com a doutrina sobre Cristo — Mestre interior ²⁰.

1.2 *A leitura e meditação das Escrituras*

Embora S. Francisco haja sido um carismático inspirado, nunca prescindiu nem descuidou as «mediações humanas e institucionais» no discernimento da sua vocação. As pessoas, os acontecimentos e as palavras dos outros foram sempre muito importantes para ele discernir em concreto a vontade santíssima de Deus. O Espírito do Senhor também inspirou e falou a S. Francisco à maneira humana; e não por um processo mítico, tanto ao gosto da Hagiografia de certas épocas! O recurso à leitura e meditação das Escrituras foi uma constante durante a sua vida. Acolhia as Escrituras como as «santíssimas palavras escritas do Senhor» ²¹. E foi precisamente com a leitura do Evangelho, lido na festa litúrgica de S. Matias — Mt. 10, 7-20 —, que ele identificou o ideal da pobreza evangélica com que sonhava ²².

1.3 *A interpelação da pessoa dos leprosos*

A mediação privilegiada para S. Francisco discernir a sua vocação foi o encontro com a pessoa dos leprosos. No dia em que Francisco saiu de si mesmo para se pôr em comunhão com eles sentiu interpelações fortes de conversão e de rupturas evangélicas. Foi ele mesmo que nos explicou a sua conversão no Testamento, dizendo: «O Senhor deu-me a mim, irmão Francisco, a graça de começar a fazer assim penitência: Como estava nos pecados parecia-me muito amargo ver os leprosos. E o Senhor conduziu-me para o meio deles e pratiquei com eles a misericórdia. E ao separar-me deles, aquilo que me parecia amargo tornou-se doçura de alma e de corpo; e depois disto, permaneci um pouco de tempo e saí do mundo» ²³. Desde então, o beijo

de Francisco num leproso passou à história como o momento decisivo da sua conversão e do discernimento da própria vocação; e as leprosas, o lugar do noviciado dos seus primeiros seguidores ²⁴.

1.4 *O discernimento comunitário*

Ainda que não tenha sido um psicanalista douto, S. Francisco reconhece por própria experiência que as mensagens do Espírito de Deus e as inspirações divinas podem ser deformadas por um psiquismo não purificado ou pelo prisma psicocultural de cada um. Ele sabe por experiência própria que o homem está sujeito aos bloqueios das tendências racionalizadoras da autojustificação, mesmo na esfera do espiritual. Para se precaver contra esse risco recorre ao seus irmãos e a santa Clara de Assis para ver as coisas claras; e propõe a fraternidade dos irmãos como o lugar privilegiado para descobrir a santíssima vontade de Deus. Ele reconhecia por própria experiência que Deus fala aos homens através de homens; e que a comunhão dos santos é também uma procura solidária de Deus e de Sua santíssima vontade ²⁵. E esclarece o sentido franciscano da obediência quando diz aos seus seguidores que a obediência consiste em obedecer uns aos outros na caridade, ouvindo-se reciprocamente para comungar a vontade do Pai e evitar a leitura parcial, selectiva, limitada e, por vezes deformante, dos pontos de vista de cada um ²⁶.

Com a prática do discernimento comunitário da sua vocação lançou os fundamentos do processo democrático na condução dos destinos da sua Ordem; processo este que os Pensadores franciscanos transpuseram para o nível sociológico com as suas teorias sobre a democracia política da sociedade, dessacralizando e desmitizando a autoridade como mediação absoluta da vontade divina ²⁷.

²⁴ II Vida de Celano, a. c., p. 263.

²⁵ Os *Fioretti* na ed. a. c., p. 107. Francisco tem dúvidas sobre deve dedicar-se à pregação ou à oração. Para conhecer a vontade de Deus recorre a Santa Clara e suas irmãs e aos seus irmãos.

²⁶ Os Escritos: I Regra, cap. 5; Carta ao capítulo Geral 6, II Vida de Celano, na ed. da Bac a. c.

²⁷ Cf., Esser K., *Origens e Espírito primitivo da Ordem Franciscana*, Vozes, Petrópolis (1972). Felder H., *Os ideais de S. Francisco*, Vozes, (1953).

¹⁹ Von Galli, na ed. a. c., Francisco, o revolucionário, p. 111.

Koser, C., *Vida com Deus no mundo de hoje*, Ed. Vozes, Petrópolis (1971) p. 108.

²¹ Escritos: Testamento a. c., p. 30. II Vida de Celano, a. c., p. 339.

²² I Vida de Celano, a. c., p. 257.

²³ Escritos: Testamento, na ed. a. c., p. 32.

1.5 *A voz da Igreja*

S. Francisco assumiu o ideal e aspirações de muitos movimentos de renovação eclesial que procuravam uma nova identidade evangélica para a Igreja de sua época; mas distanciou-se deles pela sua grande fé na Igreja de Jesus Cristo, a quem recorre para discernir a sua vocação e missão. Lutou pela renovação da Igreja, mas servindo-a, dentro dela! Sofreu imenso com as reticências e suspeitas levantadas pelas autoridades eclesiásticas sobre a legitimidade evangélica do seu movimento; sentiu profundamente as dificuldades postas pela Cúria romana à aprovação canónica da sua Regra de vida. Mas, sempre fiel ao Espírito e obediente à Igreja, bate à porta das residências dos bispos e do Papa; e quando é enxotado pela porta da frente não hesita em entrar pela porta de trás ²⁸!

S. Francisco, homem de fé em quem habitou o Espírito do Senhor, soube discernir com os seus irmãos os sinais da sua vocação nos acontecimento reais da vida; e soube ler os sinais dos tempos da sua época ²⁹.

Para ambientação espiritual do ano que iniciamos, olhemos para o nosso Instituto e para quantos o frequentam à luz do discernimento vocacional, praticado por S. Francisco de Assis. O processo do seu discernimento vocacional pode ajudar-nos a pensar uma das tarefas desta escola.

- Formada por membros vocacionados com vocações peculiares, dentro do leque das vocações na Igreja, penso que é muito importante fazer desta escola também uma escola de discernimento vocacional dos seus membros. As estruturas e a disciplina são necessárias para que a Instituição funcione; mas o mais importante desta escola são as pessoas vocacionadas e em processo de discernimento vocacional.
- Penso que o ensino e a aprendizagem das Ciências Humanas e Teológicas constituem um momento crítico no processo do

²⁸ Celano, T., na ed. a. c., Tomás de Celano ao escrever o Capítulo sobre S. Francisco e a Igreja evoca as passagens mais marcantes sobre o relacionamento do Santo com os bispos, Papa e Padres. I Vida, cap. 13, 27, etc.

²⁹ Von Galii, M., *Francisco, o Santo que viveu o futuro*, Loyola, S. Paulo (1973) p. 125. O artista, o poeta, o cientista e o Santo pertencem à sociedade do amanhã, mas S. Francisco foi uma força do futuro por ser Santo e não por ser artista ou poeta!

discernimento vocacional; e este, uma das características peculiares desta escola. Efectivamente, aprender as Ciências sobre o homem não pode consistir apenas em aprender a conhecer crítica e culturalmente os outros homens, mas deve ser também um reconhecimento crítico de si mesmo. Só quem estiver motivado vocacionalmente fará da Ciência da fé uma assimilação vital que informe a vida, transformando-se em testemunha do que se ensina e aprende; e não será apenas uma aprendizagem neutral da revelação. Só assim, esta escola será uma escola de formação de Pastores, de Evangelistas e de Doutores do Povo de Deus de hoje, que, no dizer da Exortação «*Evangelii nuntiandi*», ouve melhor as testemunhas do que os mestres; e se os ouvem, é por serem testemunhas! ³⁰

II *A experiência originária de S. Francisco*

Foi a experiência originária de S. Francisco que gerou nele uma mentalidade evangélica peculiar, uma sensibilidade espiritual própria, um projecto existencial e um estilo de vida. A originalidade da sua experiência religiosa e teológica teve origem numa consciência e vivência místicas do Mistério de Cristo. Transformado por essa experiência peculiar do Mistério de Jesus Cristo, o seu espírito desabrochou também para uma experiência profunda do Mistério de Deus e do mistério do homem; e intuiu nas criaturas dimensões inefáveis que o puseram a cantar as maravilhas da criação.

2.1 *A experiência originária do Mistério de Jesus Cristo*

Todas as Fontes Franciscanas sublinham a transformação de Francisco em Cristo e a semelhança do Francisco da história com Cristo, numa perspectiva demasiado moralizante da sua vida. Mas, segundo os seus Escritos, ele entende a sua vida numa perspectiva mais teológica: foi Cristo que transformou Francisco em Si mesmo, fazendo dele uma imagem Sua ³¹. Francisco é um espelho de Jesus Cristo, porque Cristo foi o espelho onde Francisco se espelhou, em

³⁰ *Evangelii nuntiandi* n.º 76.

³¹ Escritos: Testamento, na ed. a. c. p. 32., *Legenda dos três companheiros*, ed. a. c., p. 709. Cf., Lázaro de Aspúrz: Cf. *A via de la conversión en S. Francisco de Assis*, Laurentianum, 8 (1967) pp. 452-468.

Quem se reconheceu a Si mesmo, encontrando n'Ele o sentido absoluto da sua vida e o centro das suas inspirações. Ele reconhece-se desde o início da sua conversão o «Arauto do Grande Rei»; e os seus contemporâneos vêm nele o Trovador de Jesus Cristo³².

As formas sacramentais do encontro transformante de Cristo com Francisco, que geraram nele uma experiência singular do mistério de Jesus Cristo, foram as seguintes, segundo os seus Escritos:

2.1.1 *O encontro com os leprosos*

O encontro transformante de Cristo com Francisco aconteceu, de modo decisivo, no encontro dele com os leprosos. A experiência da presença sacramental de Jesus nos leprosos foi o início da sua identificação progressiva com Cristo; e funcionou como preparação espiritual para as outras formas do encontro transformante. «Era para mim insuportável ver os leprosos, mas o mesmo Senhor me levou entre eles e tudo se transformou para mim»³³. Foi nesse encontro sacramental de Cristo com Francisco que Francisco adquiriu a consciência de ser o «irmão Francisco». Foi dele que nasceu a sua devoção aos pobres, aos doentes, mendigos e a todos os marginais³⁴.

2.1.2 *O encontro de Cristo com Francisco na Igreja*

Desde que ouviu a voz do Crucifixo de S. Damião nasceu nele tal devoção à Igreja que ela se tornou para ele uma forma sacramental do encontro de Cristo com ele, segundo as suas próprias palavras: «O Senhor me deu tal fé nas Igrejas que eu orava e dizia simplesmente: Nós Te adoramos Senhor Jesus Cristo em todas as Igrejas que há em todo o mundo»³⁵. Encontrava Cristo presente na Igreja visível, o que fez de Francisco «vir catholicus et totus apostolicus»; e o levou a submeter a sua fraternidade à autoridade da Igreja escolhendo para governador, protector e corrector da mesma um Cardeal da Santa Igreja³⁶.

³² I Vida de Celano, na ed. a. c., p. 255.

³³ Escritos: Testamento, na ed. a. c., p. 33. I de Celano, p. 5; II de Celano, pp. 5 e ss.

³⁴ Celano, T., I Vida (Livro terceiro) na ed. a. c., p. 321.

³⁵ Escritos: Testamento, na ed. a. c., p. 29. Legenda antiga e Legenda dos três companheiros, na mesma ed., p. 710; II de Celano, p. 359, etc.

³⁶ Testamento, na mesma ed., p. 41.

2.1.3 *O encontro de Cristo com Francisco na Eucaristia*

Francisco experimentou a presença de Cristo na Igreja sobretudo na Eucaristia e pela Eucaristia; o que despertou nele uma devoção ardente ao Mistério da Eucaristia, fazendo da celebração eucarística um centro de inspiração da sua vida pascal, vivida em comunhão eucarística. Diz ele aos seus discípulos: «Eu quero que estes santíssimos mistérios sejam honrados acima de tudo, venerados e colocados em lugares preciosos»³⁷. Tornou-se um apóstolo apaixonado pelo mistério da Eucaristia, onde contemplava o mistério de Cristo: «Por isso vos imploro, irmãos, beijando-vos os pés e com quanta caridade posso, que presteis a reverência e toda a honra que puderdes, ao santíssimo Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, por Quem tudo o que há no céu e sobre a terra foi pacificado e reconciliado...»³⁸. E a sua altíssima devoção ao mistério da Eucaristia gerou nele a devoção e veneração pelos sacerdotes: «Depois o Senhor deu-me e segue dando-me tanta fé nos sacerdotes por causa da sua ordenação que se me perseguirem quero recorrer a eles mesmos... A todos quero honrar e amar como a meus senhores e não quero considerar neles pecado algum, porque vejo neles o Filho de Deus e são meus senhores»³⁹.

2.1.4 *O encontro de Cristo com Francisco na Palavra*

Outra forma de encontro de Cristo com Francisco na Igreja foi o encontro na Palavra e pela Palavra das Escrituras, que ele considerava as «santíssimas palavras escritas do Senhor»⁴⁰. Experimentou com tal vivacidade que Cristo falava com ele e para ele quando lia ou ouvia ler as Escrituras que ensaiou o seu estilo de vida, inspirado numa interpretação literalista dos Evangelhos, propondo como regra de vida a observância sem glosa do Santo Evangelho⁴¹. Foi a devoção à Palavra de Deus que lhe inspirou a devoção aos pregadores e aos teólogos da santa Igreja: «E a todos os teólogos e aos que nos administram o Espírito e a vida devemos honrar e venerar, porque nos administram o Espírito e a vida»⁴².

³⁷ Testamento: Cartas a todos os clérigos, p. 43, na ed. a. c.

³⁸ Carta ao Capítulo Geral, idem, p. 42.

³⁹ Testamento, idem., p. 39.

⁴⁰ Testamento, idem, p. 39. II de Celano, cap. 8, p. 399.

⁴¹ Testamento, Regra, idem, p. 22.

⁴² Escritos: Testamento, na ed. a. c., p. 29.

2.1.5 *Francisco, outro Cristo*

A transformação de Francisco realizada pela acção do Espírito de Jesus Cristo gerou nele tal consciência escatológica que mobilizou nele todas as forças e recursos para imitar e seguir as «pegadas de Jesus Cristo» («sequela Christi»). Todas as Fontes franciscanas tematizaram a conformidade entre Francisco e Jesus Cristo, pretendendo apresentar a Francisco como outro Cristo pela imitação profunda, que chegou até à reprodução dos seus gestos exteriores como expressão e historização da sintonia interior de Francisco com Cristo⁴³. Prestando um mau serviço à causa de Francisco, a devoção triunfalista dos franciscanos e dos franciscanófilos exagerou o paralelismo entre Francisco e Jesus Cristo com tal hiperbolismo exarcebado que a Igreja teve de intervir. Além dos trinta e oito capítulos dos *Fioretti*⁴⁴ sobre o assunto, a obra de Fr. Bartolomeu de Pisa — «Conformidade da vida do beato Francisco com a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo» — editada em 1390, apresenta 40 conformidades, no estilo das disputas escolásticas e com uma monstruosa erudição teológica. Este género de literatura chegou ao paroxismo com a obra de Pedro de Alva. — «*Prodigium Naturae et Gratiae portentum*» — editada em 1600, na qual o autor analisa minuciosamente quatro mil conformidades; livro que a Sagrada Congregação de então colocou no Index dos livros proibidos⁴⁵. Esta paralelização exarcebada entre Francisco e a história de Cristo ultrapassou os limites da ortodoxia católica com as fantasmagorias misticistas de Joaquim de Fiori e dos joaquinistas da Ordem. Convencidos de que S. Francisco fora o inaugurador da Igreja do Espírito Santo, que viera substituir a Igreja

⁴³ T. de Celano, livro II, cap. 2, na ed. a. c., p. 307. Legenda maior, p. 549; Legenda dos três companheiros, pp. 709 e ss.

⁴⁴ Os *Fioretti*, na mesma ed. a. c., pp. 83-234. O livro das Florinhas — *Fioretti* — nasceu progressivamente como crónica da família franciscana; foi escrita para manter viva a imagem do seráfico Pai com relatos, exemplos e ditos do mesmo. Conhecida no original latino — «*Actus Beati Francisci et Sociorum eius*» — foi elaborada pelos companheiros do Santo no seu núcleo. Para os franciscanistas de renome há nas Florinhas um núcleo histórico muito de lendário e de simbólico que transmite o espírito do Seráfico Francisco. São como um «evangelho do franciscanismo»; e literariamente um breviário do povo italiano de uma rara beleza literária; tem funcionado como grande centro de inspiração.

⁴⁵ Archivum Franciscanum Historicum (1956). De conformitate vitae B. Francisci ad vitam Domini Jesu (Analecta Franciscana, T. IV (Quaracchi, 1906-1912).

caduca e anacrónica de Cristo e do Papa, fizeram de Francisco o segundo Cristo, apresentando-o com as figuras apocalípticas da Bíblia⁴⁶.

Não obstante estes desvios, a experiência mística de S. Francisco sobre o Mistério de Jesus Cristo gerou o cristocentrismo da Escola franciscana de Teologia que pensou e sistematizou, ao nível científico, a experiência de S. Francisco. Efectivamente, a Escola franciscana de Teologia defendeu sempre o cristocentrismo da teologia contra as acérrimas críticas do teocentrismo de outras escolas escolásticas de Teologia. Defendeu sempre o primado de Cristo na ordem da criação e da história, apesar das suspeitas de heresia levantadas por outras escolas, aquando das famosas discussões escolásticas sobre a distinção entre «*Gratia Dei et Gratia Christi*» e na questão interessante sobre os motivos da encarnação do Verbo. Defendeu, igualmente, a dimensão crística do homem e do movimento da criação e da história, o que é hoje aquisição pacífica da Teologia actual⁴⁷.

2.2 *A sua experiência originária do Mistério de Deus*

Pela contemplação e experiência do Mistério de Cristo, S. Francisco chegou, de contemplação em contemplação, à experiência religiosa e teológica do Mistério de Deus como Sumo Bem, Amor difusivo, Liberdade inefável. Sentiu tão profundamente o mistério de Deus e a paternidade divina que a sua oração espontânea era um caudal impressionante de predicados que, numa intensidade crescente, concluía com este desabafo de alma: «Meu Deus e meu tudo!» «Vós sois o santo Senhor e Deus único, que operais maravilhas! Vós sois o forte! Vós sois o grande! Vós sois o Altíssimo! Vós sois o Rei onipotente, o santo Pai, Rei do céu e da terra! Vós sois o Trino e Uno, Senhor e Deus, Bem universal! Vós sois o Bem, o Bem universal, o

⁴⁶ Gemelli, A., *O Franciscanismo*, Ed. Vozes, Petrópolis, p. 122.

Benz, E., *Ecclesia Spiritualis*, Assis, 1924, pp. 61-68. Havia uma franciscanologia feita com títulos cristológicos, por exemplo, Francisco, o rei David do terceiro e último tempo, o novo Evangelista, o novo João, o Filho do homem nascendo num presépio, renovou-se Belém em Assis; a cena da morte é narrada com as narrações do Evangelho, etc.

⁴⁷ Cf., Etienne Gilson e Jean Duns Scot, *Introduction à ses positions fondamentales*, Paris, Vrin (1952) p. 432. Nguyen-Van-Khanh, *Le Christ dans la pensée de Saint François d'Assis d'après ses Écrits*, Paris, (1973). Tese apresentada no Instituto Católico de Paris sobre a temática cristológica presente em Francisco.

sumo Bem, Senhor e Deus vivo e verdadeiro! Vós sois a delícia do amor! Vós sois a Sabedoria! Vós sois a Humildade; Vós sois a Paciência! Vós sois a Segurança! Vós sois o Descanso! Vós sois a Alegria e o Júbilo! Vós sois a Justiça e a Temperança! Vós sois a plenitude da Riqueza! Vós sois a Beleza! Vós sois a Mansidão! Vós sois o Protector! Vós sois o Guarda e Defensor! Vós sois a Fortaleza! Vós sois o Alívio! Vós sois a nossa Esperança! Vós sois a nossa Fé! Vós sois a nossa inefável Doçura! Vós sois nossa eterna Vida, ó grande e maravilhoso Deus, Senhor onipotente, misericordioso Redentor!»⁴⁸.

Esta experiência mística do «jogral de Deus» foi sistematizada pela escola franciscana de Filosofia e de Teologia nas suas teses de Teodiceia. Defendeu sempre que o amor e a liberdade são o constitutivo radical do mistério da Divindade, numa direcção diferente da concepção intelectualista da mesma Divindade⁴⁹. E o consequente voluntarismo metafísico e teológico da Escola propõe o amor difusivo como princípio radical e fim de toda a realidade; e a consequente amorização ôntica da existência; o amor e a liberdade como valores absolutos que conferem o sentido à existência. Propõe, numa sequência lógica, uma espiritualidade exultante, uma piedade jubilosa e cheia de ternura⁵⁰.

2.3 A sua experiência originária do mistério do homem

Pela experiência do Mistério de Cristo e pela contemplação do Mistério de Deus-Pai, Francisco descobriu no mistério do homem o «irmão». Pela experiência do Cristo-irmão reconheceu-se a si mesmo como o Irmão-Francisco e descobriu em cada homem um irmão. A fraternidade é para ele a dimensão mais radical do homem⁵¹. Tal dimensão é a fonte das regras do relacionamento humano que ele propõe para os seus seguidores: o diálogo, a compreensão, a gratuidade, o serviço, a doação humilde e generosa⁵². Em S. Francisco, tudo

⁴⁸ Escritos: Louvor de Deus, na ed. a. c., p. 57.

⁴⁹ Koser, C., *O pensamento franciscano*, Petrópolis (1960) pp. 37-45.

⁵⁰ Sharp, D. E., *Franciscan Philosophy at Oxford in the Thirteenth Century*, Oxford University Press, Londres (1930) pp. 15 e ss.

⁵¹ Esser, K., *Origens e Espírito primitivo da Ordem franciscana*, Vozes, Petrópolis (1972) pp. 39 e ss.

⁵² Escritos: Segunda Regra, cap. 6. Exortações, 23, 25, 15, etc., na ed. a. c., p. 35.

está em função da fraternidade; e a fraternidade é o centro de inspiração de tudo.

Esta experiência mística do mistério do homem-irmão foi traduzida em silogismos pela Antropologia da Escola franciscana. Esta defendeu sempre a liberdade e o amor como constitutivo radical da pessoa; e o homem como um mistério inefável e inconfundível, o que deu origem a uma Antropologia feita numa direcção diferente das Antropologias que colocam o constitutivo radical do homem na inteligência-razonabilidade; tese que Scoto comenta com a ironia metafísica que o caracterizava: «Sic homo esset bonum brutum».

E consequentemente, a ascese franciscana foi sempre entendida em função da libertação da própria liberdade, condição indispensável para fazer da vida uma doação, uma canção de amor na convivência fraterna e filial⁵³.

2.4 A sua experiência originária do mistério da criação

Do alto da contemplação de Deus Sumo Bem que se difunde em liberdade no acto da criação, Francisco intui mística e poeticamente nas criaturas dimensões inefáveis. Sentiu na nascividade de todas as coisas o acto criador de Deus. Para ele, cada ser é uma palavra viva no discurso do Universo; cada realidade, uma estrofe na canção da criação que manifesta a jovialidade e a gratuidade do mistério de Deus. Foi esta a canção que o seu espírito de místico e de poeta entoou no cântico do Irmão Sol⁵⁴.

A natureza é para ele uma fraternidade de convivência. Ama as criaturas com o olhar de simpatia e de ternura. Elas são «personagens» que ele saúda, com quem dialoga. Ensina-as e aprende delas grandes mensagens que elas transmitem do seu Criador⁵⁵.

Os diálogos que Francisco manteve no seu convívio fraterno e alegre com as criaturas estão cheios de poesia e de alegria mística.

⁵³ Panini, F., *A índole peculiar da Ordem dos Frades Menores em «Vida Franciscana»* 24 (1967) p. 173.

⁵⁴ Escritos, na ed. a. c., p. 62. Foi composto em 1224-1225 ao qual foi acrescentando estrofes segundo as inspirações do momento, até à hora de morrer, quando também à irmã morte a associou ao corpo que cantava a divina Alegria. Cheio de optimismo cristão feito dos paradoxos da «perfeita Alegria», o Santo convoca nele o Sol e as criaturas para cantar com elas em coro o canto novo da Alegria!

⁵⁵ Gemelli, A., *O Franciscanismo*, Vozes, Petrópolis (1944) p. 50.

A mansidão da ovelhinha faz-lhe lembrar a mansidão de Deus. A coto-via, sua ave predilecta, lembra-lhe a jovialidade de Deus. Todas as criaturas se tornam para ele «espelhos de Deus»⁵⁶. Dialoga com as andorinhas nestes termos: «Minhas irmãs andorinhas: Basta de tagarelar, agora ficai silenciosas para que nós louvemos o Senhor. E vós minhas irmãs avezinhas: louvai bem o Senhor que vos deu um duplo e triplo manto de penas; que vos deu asas para o voo; e sem que saibais trabalhar, vos dá vestidos e sustento»⁵⁷.

Com o seu espírito adorante pôs todas as criaturas em adoração! Com o seu espírito de paz pôs as criaturas em paz com o homem e ao serviço amoroso do homem! A história do lobo de Gubio com outras muitas histórias semelhantes reflete a sua intuição mística das criaturas; e estão cheias de poesia e de escatologia! Ele é uma consciência cósmica de todas as coisas⁵⁸.

Francisco soube olhar as criaturas com uma alma inocente e um coração virgem, sem o olhar da cobiça, sem o desejo mal contido da apropriação, sem os sentimentos do domínio, evitando servir-se delas como instrumento dos seus instintos de posse e de vaidade.

Esta experiência e vivência da natureza, tantas vezes celebrada e comentada pelos literatos, pelos pensadores e artistas, foi sistematizada na Escola franciscana, fazendo a Teologia da criação com as teorias do exemplarismo⁵⁹. As criaturas são vestígios do amor infinito de Deus que as cria e sustenta. São sinais sacramentais do amor salvador de Deus, e anúncios do Seu Mistério. Para a espiritualidade franciscana, as criaturas não são um perigo nem brinquedos; não são ídolos nem escravas, mas são testemunhas do amor de Deus pelo homem, degraus para o seu espírito subir até Deus; são também «pão do céu» para pôr a mesa comum dos homens. São estrofes do

hino cristocêntrico do mundo cantado pela humanidade redemida em honra do Cristo universal da Criação!

Da experiência espiritual de S. Francisco podemos colher muita luz para orientação da nossa tarefa de ensinar e de aprender a Ciência da Fé.

- Para o franciscanismo tanto se conhece quanto se ama, embora admitamos a reciprocidade vital desta outra formulação: — tanto se ama quanto se conhece —. À luz destes princípios, para que o ensino da Teologia nesta Escola seja eficaz e a aprendizagem frutuosa, é indispensável um clima espiritual intenso de adoração e de contemplação!
- A comunhão na experiência originária de S. Francisco gerou os pensadores franciscanos, uma escola franciscana de Filosofia e de Teologia⁶⁰. Também o ensino e aprendizagem da Teologia nesta Escola será uma reflexão vital e interessante se nascerem da experiência da fé que faz pensar; e se forem integradas no contexto mais amplo da vida, numa procura constante de Deus e das suas santíssimas palavras, feita em clima de oração e de entusiasmo pela causa do Reino de Deus e salvação do homem!
- Uma das características do pensamento franciscano é a fidelidade ao REAL CONCRETO desenvolvido nas suas teorias filosóficas sobre o princípio da individuação e sobre o constitutivo formal da pessoa⁶¹. Tal orientação do seu modo de pensar levou os pensadores franciscanos a preocuparem-se mais com a realidade do que com o sistema, com os dogmatismos ou ideologias. Ora também nós, sem sacrificar qualquer aspecto do real concreto nem os dados da revelação à humaníssima e doutoralíssima paixão pela simetria do sistema, precisamos de manter a nossa inteligência em simpatia pro-

⁵⁶ Os *Fioretti*, na ed. a. c., no cap. 21 da 1.^a parte, falam das 'rolas oferecidas a S. Francisco por um jovem; no cap. 20 conta a história do lobo de Gubio etc.

⁵⁷ Celano, T., *I Vida*, na ed. a. c., p. 258, etc.

⁵⁸ Leclerc, E., *O Cântico das criaturas*, Vozes, Petrópolis (1977). Um comentário feito à celebração franciscana das criaturas no Cântico do irmão Sol, com profundidade invulgar. Chesterton K., *São Francisco de Assis*, Rio de Janeiro, (1954) p. 56. A conversão do homem bom para santo transformou-o num homem para quem Deus engrandece todas as coisas como a flor oferecida à amada pelo seu namorado transforma todas as flores que lhe falam de amor!

⁵⁹ J. M. Bissen, *L'exemplarisme divin selon Saint Bonaventure* (Paris, 1929) comentário à 2. I a. I; q. ad 3; d. 35, em *Opera Omnia* ed. Guaracchi (1904).

⁶⁰ Gemelli, A., *O Franciscanismo*, Vozes, Petrópolis (1944) pp. 71-353. A vida, a história e o pensamento de S. Francisco narrada, meditada, reconstruída gerou no decorrer da história grandes pensadores como Boaventura, o doutor Seráfico, Scoto, o doutor subtil, Guilherme Ockham, Alexandre de Hales, Rogério Bacon, Raimundo Lulo, os quais criaram uma Escola de Filosofia e de Teologia.

⁶¹ Cf., ²Scoto, J., *Quaestiones in Metaphysicam* VII q. 15 n.º 4 ed. Vivés, pp. 436 e ss.

funda com a verdade do real concreto e acompanhar a vida que evolui sem cessar para não sermos desqualificados entre os sobreviventes!

III A missão histórica de S. Francisco de Assis

S. Francisco foi um dos profetas, suscitados pelo Espírito de Jesus Cristo no séc. XIII. Como profeta do seu tempo soube assumir as grandes aspirações e preocupações da sua época. Soube mobilizar as energias de renovação global nascidas no cruzamento de dois mundos: o mundo da civilização feudal em pleno apogeu e a civilização urbana em gestação com o aparecimento das comunas-municípios — e ascendência paulatina da burguesia ⁶².

Ele foi uma das expressões da consistência crítica da sua época ⁶². Denunciou situações e propôs respostas evangélicas para as grandes interrogações do homem de então com o mundo que ele idealizou e viveu com os seus companheiros ⁶³.

Abandonado o ideal de guerreiro, tornou-se mensageiro da paz. E contrapôs ao barbarismo belicoso das cruzadas e das lutas dos senhores feudais dentro do império, o ideal da paz e pacificação, desarmando-se totalmente.

Desarmou-se do poder económico ao dar os seus bens aos pobres, para se armar com o ideal da altíssima pobreza que lhe mereceu o nome de «poverello». Desarmou-se do poder do prestígio e da influência com a fuga da casa do Pai — Pedro Bernardonne —, senhor de grande influência; e com a fuga da companhia dos grandes senhores. E rearmou-se com o espírito da «menoridade», indispensável para fazer fraternidade com todos, apresentando-se a si mesmo como o irmão Francisco e aos seus como os «irmãos menores» ⁶⁴.

Ao método agressivo e violento dos contestadores da sociedade feudalista e da Igreja contrapôs o método do inocente que contesta as situações injustas, convertendo-se e convidando os outros à conversão com o seu exemplo, com um projecto vital de contraste. Contrapôs aos grandes discursos revolucionários de então a estratégia

política do «palhaço» que denuncia ridicularizando o ritual com as atitudes e os gestos do ingénuo. Denuncia a avareza do seu pai com uma cena caricata, mas cheia de força crítica: «Acusado de dissipar os dinheiros do seu pai, este levou-o ao tribunal do bispo de Assis. O único discurso de defesa que S. Francisco pronunciou foi despir-se totalmente dando ao pai os seus vestidos. E nu perante o tribunal e o prelado, exclamou: Até aqui chamava-te meu pai sobre a terra, agora poderei dizer com mais firmeza e liberdade: Pai nosso que estais no céu! E numa imensa explosão de alegria correu pelas florestas do Subásio a cantar a alegria da sua liberdade!» ⁶⁵.

S. Francisco assumiu as aspirações da pobreza evangélica presentes em muitos movimentos do seu tempo; mas distanciou-se deles obedecendo a Roma em vez de bradar contra Roma, como o faziam os herejes. Em vez de semear o ódio e a revolta que os Valdenses espalhavam ao condenar e denunciar a avareza e os costumes pervertidos do Clero, Francisco prega a penitência muito mais com o exemplo do que com palavras de censura. Sem o espírito de orgulho, de exclusivismo revoltoso dos «movimentos pauperísticos e penitenciais» de então, pregou uma penitência jubilosa, nascida do amor de Deus para edificação da paz ⁶⁶.

Contrapôs à espiritualidade maniqueista, rigorista e fanática dos Cátaros e Albigenses uma visão optimista da vida e do mundo ⁶⁷. Convertido ao homem, desfez a imagem sombria e pessimista da existência, presente na literatura espiritual dos profetas das desventuras, no seu tempo. Há um contraste flagrante entre a imagem do homem e da existência em S. Francisco e a imagem sombria e pessimista transmitida pelo cardeal Lotário dei Conti de Segni, seu contemporâneo, que veio a ser o papa Inocêncio III. A sua obra «De contemptu mundi sive de miseriis humanae conditionis», editada em 1195, reflecte um espírito exacerbado, um super-ascetismo amargo que se parece a uma expressão de náusea existencial! ⁶⁸. Mas a Providência divina encarregou-se de colocar ao lado dessa expressão a expressão de Francisco de Assis, que tem fé no homem e procura convertê-lo sem o aterrorizar. Ele intui a dimensão festiva da vida humana,

⁶² Arnaldo Fortini, *Nova vita di S. Francisco*, Perugia (1939); H. Pirenne, *Historia economica e social da Idade Média*, Ed. Mestre Jou, S. Paulo (1963). *Testimonia Minora S. XIII de S. Francisco Assisiensi*, ed. de Leonardo Lemens — Quaracchi, 1926.

⁶³ Gemelli, A., *O Franciscanismo*, Vozes, Petrópolis (1944) pp. 29-33.

⁶⁴ Escritos: Primeira e Segunda Regras, Exortações, na ed. a. c., p. 314.

⁶⁵ Celano, T., *I Vida*, cap. 4 e 5, na ed. a. c., p. 260.

⁶⁶ Celano, T., *I Vida*, cap. 10, p. 22, etc. *Legenda maior*, cap. 12. *Espelho da perfeição* cap. 3, etc., na ed. a. c., Bac.

⁶⁷ Gemelli, A., *O Franciscanismo*, a. c., pp. 35-36.

⁶⁸ Ommer Englebert, *Saint Francis of Assisi*, Chicago (1963).

criada por amor, para amar e ser amada. E assim, desencadeou um autêntico renascimento espiritual que antecipava as aspirações do Renascimento cultural, não pelo regresso ao homem da antiguidade clássica, mas pelo regresso à inocência do paraíso das origens⁶⁹.

O espírito que moveu e informou a missão profética de Francisco podemos encontrá-lo em forma de oração nascida da vida e comprometida com o seu ideal profético diante de Deus e dos homens⁷⁰. A oração da paz, atribuída a S. Francisco, embora não se encontre entre os seus Escritos, é uma expressão reveladora do espírito que moveu e informou a missão histórica de S. Francisco:

— «Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz! Onde houver ódio, que eu difunda o amor! Onde houver ofensa que eu leve o perdão! Onde houver discórdia, que eu faça a união! Onde houver erro, que eu erga a verdade! Onde houver dúvida, que eu implante a fé! Onde houver desespero, que eu infunda a esperança! Onde houver trevas, que eu derrame a luz! Onde houver tristeza, que eu desperte a alegria! Ó Divino Mestre, que eu não procure tanto ser consolado como concolar! Que eu não procure tanto ser compreendido como compreender! Que não procure tanto ser amado como amar! Pois é no dar que recebemos! É no perdoar que somos perdoados! Pois é no morrer que ressuscitamos para a vida eterna»!

S. Francisco abriu um caminho novo no mundo com o movimento franciscano que ele desencadeou. Foi nas origens um movimento laical de renovação espiritual, que atingiu grandes proporções, já no seu tempo⁷¹. Mas essas proporções alargaram-se no decorrer de oito séculos de franciscanismo onde se fizeram muitos santos, pensadores, cientistas, juristas, papas, bispos; mas nele há lugar para as pessoas de todas as condições⁷².

⁶⁹ Gemelli A., *Franciscanismo*, a. a., p. 68.

⁷⁰ Escritos, na ed. a. a., p. 61.

⁷¹ *Nosso Irmão, Francisco de Assis*, Vozes, Petrópolis (1975) p. 11. O autor do artigo recolhe informações de fontes antigas segundo as quais haveria mais de 5 000 frades quando S. Francisco morreu pelo ano 1300 eram à volta de 40 000, com 34 Províncias, 197 Custódias e 1 407 conventos.

⁷² Cf., *Manual de História Franciscana de Lázaro de Aspuz*, Madrid, 1954.

O carisma implantado por Francisco na Igreja caracteriza-se pela FRATERNIDADE EVANGÉLICA e pela MENORIDADE, as quais exigem as condições da pobreza, da simplicidade, da humildade para fazer da vida uma festa universal de irmãos e de filhos de Deus.

O movimento laical desencadeado pela acção de Francisco de Assis institucionalizou-se na Igreja numa forma religiosa masculina, com a aprovação canónica da Primeira Regra; ordem que se clericalizou progressivamente e se diversificou na Ordem dos Conventuais, na Ordem dos Frades Menores e na dos Capuchinhos⁷³. Institucionalizou-se ainda na forma religiosa feminina, com a aprovação canónica da Regra de Santa Clara de Assis, que no decorrer da história se diversificou em muitas Congregações franciscanas femininas⁷⁴. Mas manteve-se sempre também como movimento laical através da Regra da Ordem Terceira, a qual inspirou algumas formas canónicas de vida religiosa; permanecendo, porém, como movimento de leigos na chamada hoje «Fraternidade franciscana secular»⁷⁵.

Mas há em todas as direcções do franciscanismo uma «idiossincrasia franciscana» comum, manifestada num modo peculiar de ser, de pensar e de sentir a vida, num certo jeito de agir e num estilo evangélico de vida.

Concluo com o dizer de um franciscanista de renome: «S. Francisco de Assis conseguiu harmonizar em si mesmo a audácia do aventureiro e a ternura do místico; a bravura do conquistador e a austeridade do asceta; o amor inflamado a Deus e o amor ardente das criaturas»⁷⁶. E no dizer de outro biógrafo seu: «S. Francisco representa a mais alta expressão do espírito de fidalguia e da cortesia correspondentes à fidalguia e cortesia de Deus»⁷⁷.

⁷³ Escritos: Primeira e Segunda Regra, na ed. a. c. pp. 3-21. Aumentado o número dos companheiros de vocação-missão, S. Francisco escreveu uma regra de vida. Apresentou-se com seus companheiros ao papa Inocêncio III em 1210. Este, depois de alguns conselhos, aprovou oralmente a Regra de vida; que trabalhada posteriormente por S. Francisco e pelos capítulos resultou na I Regra ou Regra longa de 1221. A 2.ª Regra, chamada também bulada, foi aprovada por Honório III em 29/11/1223; a qual permaneceu como a Regra oficial e canónica dos Frades Menores.

⁷⁴ Escritos. Regra de S.ta Clara, na ed. a. c., aprovada por Inocêncio IV em 1253.

⁷⁵ Os *Fioretti* na ed. a. c. cap. XVI. Contam a origem da Ordem Terceira. O Memorial de 1289, aprovado por Nicolau IV, constituiu-se na Regra da Terceira Ordem da penitência.

⁷⁶ Gemelli, A., a. c., p. 405.

⁷⁷ Von Galli, a. c., p. 151.

Ele idealizou um mundo novo que viveu, transmitindo aos seus seguidores um espírito, um modo de ser, de pensar e sentir, que os franciscanos de todos os tempos têm vivido em estilos diferentes, numa pluriformidade que reflecte as virtualidades do carisma franciscano.

Das coordenadas gerais da missão histórica de S. Francisco podemos colher para a nossa orientação as seguintes observações:

- S. Francisco foi um profeta do seu tempo por ter sido um homem eminentemente evangélico. Precisamos de formar nesta Escola homens evangélicos de inteligência e de coração, capazes de darem respostas evangélicas às interrogações que desafiam o homem de hoje.
- S. Francisco foi sensível ao Espírito e às suas santas inspirações, que moviam o seu tempo. É necessário também ensinar e aprender nesta Escola a fazer uma leitura evangélica dos Sinais dos tempos deste nosso mundo. É que os anseios de mais justiça, de mais paz e menos guerra, de mais responsabilidade e dignidade humana são «frutos do Espírito» que movimenta a nossa época!
- S. Francisco foi um profeta da vida que soube levantar a sua voz para calar a voz dos profetas da calamidade. É urgente formar nesta Escola de formação teológica e de educação da fé homens felizes, capazes de admirar e de cantar a vida como dom, não obstante as aflições e obscuridades da vida actual da humanidade.
- S. Francisco fez da fraternidade o centro do projecto da sua vida evangélica, no qual todos se devem sentir irmãos e serem fermento de fraternidade universal. Façamos nós também deste Instituto uma escola de fraternidade evangélica onde nos possamos entender, reconhecer, conviver e dialogar como irmãos; onde o «pão do Reino» e o pão da cultura, amassado pelo sacrifício monótono de quem ensina e pelo esforço doloroso de quem aprende, seja partilhado por todos.

JOAQUIM MONTEIRO

Professor do I. C. H. T.

NOTAS E COMENTÁRIOS

FILOSOFIA E TEOLOGIA

É de se ficar céptico, ou pelo menos perplexo, sobre o valor, sentido e futuro de certas «teologias» que por razões bíblicas, missionárias, sociológicas, ecuménicas ou outras, ostensivamente tentam ignorar a dimensão filosófica que, a meu ver, deveria estar presente, ainda que só com o peso que lhe é devido e tendo sempre em conta a dimensão catequética daqueles a quem é concretamente destinada a Mensagem.

De forma sintética, simples e breve, gostaria de chamar a atenção para o que foi ou não foi o papel da Filosofia na reflexão sobre a Fé.

1. Os gregos, não tendo acesso à Revelação judeo-cristã, aplicaram-se seriamente a fazer uma «teologia natural», tendo atingido o apogeu entre o século VI, com os Pré-Socráticos, e o século III, com os Académicos. As perguntas ou preocupações centravam-se em equacionar o papel da razão, do discurso filosófico, num Mundo e numa República, onde as pessoas não eram os únicos seres a ter em conta, lá onde se punha a questão dos deuses e de Deus. Tratava-se de decifrar se a questão era disjuntiva ou copulativa: os deuses *ou* Deus e ainda os deuses *e* Deus. E no meio destas interrogantes há que não esquecer os dois teóricos do ateísmo prático, Epicuro e Lucrecio.

Os monoteístas, como Platão e Aristóteles, apesar de terem chegado à conclusão de Deus — Motor imóvel — totalmente outro, diferente de tudo o resto, por razões culturais ou outras, não se desprenderam, afectivamente pelo menos, dos deuses do Panteão, apesar da certeza, filosoficamente fundada, que só UM era realmente Deus. E é bem conhecido o processo subtil como o grande Plotino, com o seu sentido místico, conseguiu ultrapassar a situação por uma nostálgica viagem de «regresso ao Princípio».

2. Com o cristianismo deu-se um passo qualitativo. É que Jesus Cristo é a revelação de Deus: revela o Ser de Deus: Pai, Filho e Espírito Santo em relações da vida inter-pessoal e o Projecto sobre a História humana. E a este nível ninguém chegara antes, mesmo sabendo nós que há continuidade com a Revelação feita a Abraão e a Moisés.

Desde então tudo o que fôra pressentido pelos filósofos e poetas, foi rectificado, ampliado e os equívocos desfeitos. E desde então, pela acção do Espírito, o aprofundamento nunca mais parou.

3. Surgiu como necessidade, como exigência missionária, proclamar que o Deus revelado é o único e todos são convocados para constituir a Igreja. Mas convém não perder de vista que o Deus de Jesus Cristo é objectivamente o mesmo Deus que os pagãos descobriram, tateando às apalpadelas, à força dum exigente esforço de pensamento. Não há oposição entre o Deus dos Filósofos e o de Jesus Cristo: aqueles pesquisaram pela força da razão e os crentes aceitam-No